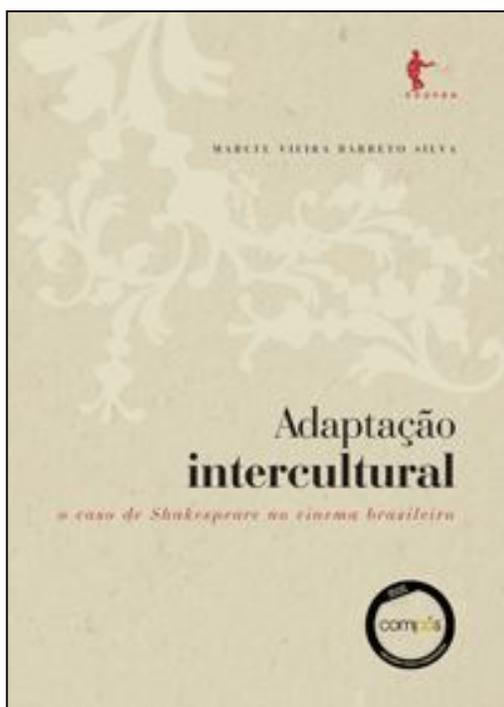


**Sobre Silva, Marcel Vieira Barreto. *Adaptação intercultural: o caso de Shakespeare no cinema brasileiro*. Salvador: EDUFBA/Brasília: Compós, 2013, 369 pp., ISBN 978-85-232-1062-5.**

por Lílian Fleury Dória\*



Resultado de sua tese de doutorado, o livro *Adaptação intercultural: o caso de Shakespeare no Brasil*, de Marcel Vieira Barreto Silva, publicado pela EDUFBA em 2013, foi vencedor do prêmio de Melhor Tese em 2012 pela Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e apresenta a estruturação de um modelo analítico para auxiliar a investigação de processos adaptativos interculturais a partir das adaptações de Shakespeare no cinema brasileiro.

O livro constitui uma pesquisa não somente sobre a adaptação de Shakespeare no cinema brasileiro, mas, sobretudo, uma discussão sobre questões conceituais de análises fílmicas e intertextualidades e de questões relativas à adaptação da literatura para o cinema, além de vasta pesquisa histórica abrangendo a obra de William Shakespeare e sua inserção e desdobramentos nas adaptações cinematográficas.

Apesar de não ser muito significativa a produção do cinema brasileiro a partir da obra de William Shakespeare, Silva traz uma boa pesquisa sobre cinema e literatura no Brasil, as origens de Shakespeare no teatro brasileiro e sua disseminação nos filmes nacionais.

Discutindo os paradigmas da fidelidade e da integridade, e os questionando, Silva faz uma boa introdução ao tema, tentando compreender as relações entre cinema e literatura. O panorama histórico apresentado no livro alicerça as transformações ocorridas no campo das adaptações cinematográficas, mostrando que, originalmente, estas eram nomeadas como parasitárias e subservientes e, hoje, se entende esta relação a partir das noções de dialogismo e intertextualidade.

Dada a importância da obra de Shakespeare e toda a tradição que carrega, além do poder de infiltração de suas tramas ao longo dos anos, o autor questiona a subserviência a um modelo supostamente clássico e tradicional, apoiando as adaptações do cinema brasileiro que tentam trazer Shakespeare para a nossa realidade sociocultural.

O livro ressalta a tese de valorização do termo *adaptação intercultural*, mostrando como as adaptações que ressignificam as fontes textuais e criam novos sentidos ampliam a obra literária, inserindo-a em novos contextos simbólicos –concluindo que qualquer adaptação origina um produto artístico que se concretiza a partir do contexto sócio-histórico, criando assim um estilo resultante deste diálogo intercultural–.

No capítulo 1, “Adaptação intercultural: conceito e categorias de análise”, o autor aborda, inicialmente, a relação entre cinema e literatura, destacando que as motivações históricas de levar a literatura canônica para o cinema foram muitas, mas uma razão se sobressai: a busca de um público burguês letrado por produtores e exibidores de cinema a partir da primeira década do século XX. Desde então, a literatura sempre foi presença constante no cinema.

O campo de estudos de cinema e literatura possui três tipos de abordagens: os estudos estilísticos, os estudos históricos e os estudos de caso. Nos estudos

estilísticos, o foco de análise é o modo como a literatura influenciou na criação e no desenvolvimento da linguagem cinematográfica, seja no seu viés clássico-narrativo, seja no cinema experimental ou de vanguarda. Nos estudos históricos, a relação entre cinema e literatura aprofunda o recorte diacrônico de análise, investigando como um período na história de uma cinematografia se relaciona com a literatura. No terceiro tipo de análise, os estudos de caso, encontra-se o mais amplo escopo de trabalhos, em termos quantitativos, no campo de estudos sobre cinema e literatura. Dentro deste tipo de análise, utiliza-se uma metodologia comparativa que posiciona texto-fonte e filme adaptado, a fim de se estabelecer diferenças e semelhanças, formais e temáticas, resultantes do processo de adaptação. Para o autor, é esse tipo de estudo que representa o caráter interdisciplinar que define este campo.

Silva discute os conceitos e problemas da adaptação cinematográfica, revendo historicamente suas abordagens. Para ele, as adaptações das obras de Shakespeare formam um caso à parte, pois, inicialmente, a avaliação crítica era bastante depreciativa, onde se destacava a vulgarização da alta cultura, mas, ao longo dos anos, estas críticas sofreram mudanças, principalmente a partir das adaptações de Laurence Olivier e Orson Welles nos anos 1940 e 1950. Consolidam-se, a partir dos anos 1970, estudos que destacam a noção de especificidade dos dois campos, acentuando que a diferença entre cinema e literatura sempre haverá, pois uma narrativa literária transposta para as telas deve ser analisada pelo arsenal analítico próprio do cinema e não da literatura.

Neste capítulo, o autor ainda aborda questões como as noções de essência e espírito, de acordo com as posições do escritor indiano Salman Rushdie, que discute a adaptação e as possibilidades geradas pelo processo de levar um objeto artístico de um meio de expressão para outro. Para Rushdie, o sucesso de uma adaptação não está na tentativa de se manter fiel ao livro que lhe serve de fonte, mas na capacidade de capturar a essência do livro. Silva retoma um importante ensaio de André Bazin, *Pour un cinéma impur: défense de*

*l'adaptation*, onde Bazin afirma que o cinema é uma arte ontologicamente impura, pois constrói a sua linguagem específica através da articulação de elementos próprios a outras artes. A adaptação deve ser vista como um elemento válido em sua dinâmica e o cinema num diálogo com as artes precedentes. Neste caso, o autor destaca que a ferramenta analítica para avaliar a qualidade do filme adaptado é a noção de essência e depende da forma como a adaptação captura a essência do texto literário e a transforma em material audiovisual, definindo um diálogo do filme com os elementos primordiais do texto-fonte.

No entanto, as noções de essência e de espírito são conceitos bastante abstratos, recaindo numa avaliação subjetiva e de frágil metodologia. Buscando apoio nos conceitos de dialogismo, intertextualidade e transtextualidade, Silva fundamenta sua tese a partir dos estudos de Bakhtin, Julia Kristeva e Gérard Genette. O destaque maior se dá, para o autor, no conceito estabelecido por Kristeva a partir da compreensão dialógica do envolvimento entre vozes e matrizes. A intertextualidade como um meio para compreendermos a maneira pela qual um texto, em sua materialidade, é construído a partir de discursos já existentes. O texto literário como uma interseção de superfícies textuais.

Outro termo importante para a fundamentação da tese desenvolvida neste livro, também elaborado por Kristeva, é o conceito de transposição, onde a intertextualidade é definida a partir da passagem de um sistema de signos a outro, que envolve uma alteração de uma velha posição e a formação de uma nova. Ainda no capítulo 1, Silva aborda as ideias de Linda Hutcheon, autora que afirma que a adaptação pode ser definida a partir de três perspectivas: uma adaptação e uma transposição, um processo de criação e um processo de recepção. Silva abraça os conceitos de Hutcheon por sua visão mais irrestrita e geral, e parte em busca da compreensão do conceito de adaptação intercultural, conceito este que perpassa todo o seu estudo.

De que forma os pressupostos teóricos da adaptação intercultural ajudam a entender os filmes adaptados por seus próprios méritos? Como definir a adaptação intercultural e quais são as suas especificidades? Que operações e procedimentos estilísticos são utilizados nesse processo? Qual o seu lugar na história da teoria e da prática da adaptação?

Para responder a estas questões, Silva busca dialogar com autores como Patrice Pavis, Williams, White, Hall, Bhabha e Gorz a fim de fundamentar suas reflexões em territórios que transitam pelos campos dos estudos sobre o teatro, da sociologia da cultura, da antropologia, dos estudos culturais e até mesmo dos estudos sobre capitalismo cognitivo e biopoder, tentando compreender a noção de cultura e fundamentando o conceito de intercultural.

Afinal, nos pergunta Silva, o que é cultura? O autor delimita nesta indagação à noção de que, para este estudo, a cultura deve ser entendida como mediação entre os contextos sociais e as práticas, hábitos, costumes e formas artísticas geradas em seu interior. Desta forma, delimitado o seu campo de investigação e estabelecidos os conceitos estruturantes, o autor define que a adaptação intercultural refere-se aos casos em que texto-fonte e filme adaptado não surgem da mesma matriz cultural e em que determinadas práticas socioculturais oriundas do contexto da adaptação medeiam reconfigurações de sentidos do texto-fonte, na materialidade estilística do filme adaptado.

Para a definição de categorias analíticas capazes de explicar o fenômeno da adaptação intercultural, o autor explicita os elementos estruturantes: a língua falada, o cronótopo, a trama, as dominantes genéricas e o estilo de encenação.

Assim como todos os estudos sobre arte, neste livro o autor tenta construir uma metodologia própria capaz de explicar os fundamentos da criação de um objeto artístico, ou seja, a teia de complexidades e emaranhados que está submersa no processo de transposição de uma linguagem artística a outra. Não é fácil

penetrar neste pântano, pois se a ciência busca a ordem e a lógica, a arte, por outro lado, busca a desordem, o caos, o singular. Para um artista, a criação de imagens é o fundamental, onde emoção e razão se misturam para criar um objeto artístico. Memória, sensações, visões, percepções, são elementos fundamentais no processo de criação de um objeto artístico. Aos estudiosos, resta a tentativa da compreensão e da organização de idéias e conceitos.

No capítulo 2, “Meios, estilos e culturas sobre Shakespeare no cinema”, Silva analisa Shakespeare em contato com as outras artes, na música, na pintura, no cinema. Analisa também as raízes históricas do universalismo da obra de Shakespeare, as questões sobre contexto, estilo e autoria, aspectos estilísticos e procedimentos estéticos e a modernidade desdobrada: Shakespeare e o mundo contemporâneo, além do percurso da obra de Shakespeare no cinema.

No capítulo 3, “Da subserviência à subversão: um painel histórico de Shakespeare no cinema”, Silva aborda a filmografia baseada em Shakespeare desde o cinema silencioso –período em que o cinema aproximava-se muito de um teatro filmado e no qual o número de obras inspirado no bardo inglês foi bastante expressivo, com destaque para o filme *Le duel d'Hamlet* (1900), dirigido por Clément Maurice e protagonizado por Sarah Bernhardt e Pierre Magnier-. Destacam-se, ainda, as principais adaptações pela Vitagraph, nos Estados Unidos, que entre 1908 e 1916 produziu os seguintes títulos: *Antony and Cleopatra*, *As you like it*, *A comedy of errors*, *Julius Caesar*, *King Lear*, *Macbeth*, *Hamlet*, *The merchant of Venice*, *A midsummer night's dream*, *Othello*, *Richard III*, *Romeo and Juliet*, sem contar os filmes que se apropriam da matriz shakespeariana como *A midwinter nighth's dream* (1906), *Indian Romeo and Juliet* (1912) e *Freddy versus Hamlet* (1916). Além da Vitagraph, a realização de filmes shakespearianos nos Estados Unidos foi um campo explorado pela Thanhouser Company, que realizou obras como *A winter's tale* (1910), *Romeo and Juliet* (1911), *The tempest* (1911), *The merchant of Venice* (1912), *Cymbeline* (1913), *Two little dromios* (1914) e *King Lear* (1916).

Silva destaca a importância do cinema europeu e também do cinema autoral de Laurence Olivier, Orson Welles e as adaptações interculturais do diretor japonês Akira Kurosawa e do diretor russo Grigori Kozintsev. Ainda neste capítulo, o autor comenta sobre Shakespeare e o sistema industrial hollywoodiano a partir dos anos 1950.

O autor aponta ainda que o sucesso de adaptações experimentais e de vanguarda de diretores como Peter Greenaway, Derek Jarman, Jean-Luc Godard e Kenneth Branagh abriu espaço para várias adaptações da obra de Shakespeare nos anos 2000.

No capítulo 4, Silva discute “Cinema e Literatura no Brasil”, apresentando um panorama histórico do cinema brasileiro. No capítulo 5, “Shakespeare no cinema brasileiro”, o autor aponta as origens da presença do dramaturgo inglês no Brasil, as encenações de suas peças no teatro, inicialmente trazidas pelas companhias francesas e, em seguida, inúmeras montagens nacionais significativas.

Para Silva, um dos principais problemas teóricos acerca da arte no Brasil está na necessidade da crítica de caracterizar especificamente a produção nacional enquanto material autêntico do país –ou seja, diferente do modelo europeu ou norte-americano que se lhe contraporía–. Um destaque neste capítulo é sobre a época da Embrafilme, onde encontramos do filme histórico à adaptação identitária.

O enfoque deste capítulo, que deu nome à tese e ao livro, é a análise das adaptações cinematográficas no Brasil a partir da obra de Shakespeare, passando por atualizações paródicas, adaptações defasadas, o drama histórico do cangaço e o jogo do bicho, até chegar às duas mais recentes adaptações interculturais de *Romeu e Julieta*, resultando nos filmes *Maré, nossa história de*

*amor* (2007), dirigido por Lúcia Murat e *Era uma vez..* (2008), dirigido por Breno Silveira. Os dois filmes são significativos na compreensão do argumento do autor deste livro, que afirma que as transformações que os filmes fazem na matriz shakespeariana são mediadas por matrizes culturais brasileiras, como a língua falada, a articulação da trama, o espaço-tempo da encenação, as convenções genéricas junto às quais os filmes se constroem e, por fim, o próprio estilo de encenação escolhido para apresentar a história adaptada. Nos dois filmes, a história de *Romeu e Julieta* é apropriada para encenar os conflitos sociais de favelas do Rio de Janeiro.

---

\* Lílian Fleury Dória é doutora em Multimeios pela UNICAMP, mestre em Literatura Brasileira pela UFPR, professora do Bacharelado em Artes Cênicas da Faculdade de Artes do Paraná (UNESPAR) e autora do livro *Linguagem do Teatro* (Editora IBPEX, 2009).